

**SOLANGE MAGALHÃES**  
**PINTURAS**

Petite Galerie  
6 a 17 de novembro de 1978  
Rua Barão da Torre, 220  
Rio de Janeiro



A obsessão em torno da musicalidade de formas visuais é um fenômeno perene no contexto da invenção artística. Mais que qualquer outra tendência expressiva de caráter assim geral ela ajuda a entender o momento na pintura de Solange Magalhães

O fascínio sui-generis da música é consequente da junção única de um máximo de liberdade expressiva — correntemente mal entendido como “abstração” — com um máximo de lastro psicológico, proporcionado principalmente pelo ritmo. A experiência do ritmo — som em junção com estimulação somática — é a primeira que o ser humano vive; e, também, a mais freqüente. Há de começar ainda em fase intra-uterina e só desaparece com a morte. Sem intenção de paradoxo, e sem o perigo de contradição, pode-se mesmo afirmar que é o lastro excepcionalmente ponderável da música que confere a ela liberdade única em seus voos de imaginação — tornando-a num protótipo que as outras formas de expressão procuram aproximar.

Na pintura atual de Solange Magalhães, essa procura torna-se quase explícita. Solange compõe variações e fantasias de aparência abstrata mas de óbvia raiz biomórfica. E sua pintura musicalizou-se a tal ponto que muitas vezes parece exigir a temporalidade num sentido literal. Ao invés de um conjunto de imagens isoladas, Solange na verdade vem compondo uma seqüência orgânica de imagens quase à maneira do cinema.

É possível e pertinente ver-se o total de sua produção nestes últimos dois anos como se vê um grande filme abstrato. E a boa crítica a respeito de um McLaren ou de um Eggeling pode ser usada para o maior esclarecimento daquela produção.

A música visual de Solange Magalhães torna-se às vezes descritiva.

Traduz com extrema sensibilidade, por exemplo a atmosfera das cercanias de Outro Preto e de Olinda.

Suas marinhas recentes adquirem um grau de verismo raramente atingido por nossos paisagistas modernos, o mesmo podendo-se afirmar de suas composições ondulantes e violáceas onde ressoam crepúsculos e montanhas de Minas. Para tanto, Solange não necessita da aceitação plena do figurativo.

Basta-lhe a flexibilidade expressiva que desenvolveu ao longo de sua grande maturação com pintura informal, sob o provável efeito de sua vivência freqüente da música.

Essa mesma flexibilidade permite outros feitos notáveis, como o da evocação simultânea, em uma imagem coerente, de uma vista aérea e de elementos típicos da terra “sobrevoadada” — curiosa ambivalência entre o mapa e o detalhe.

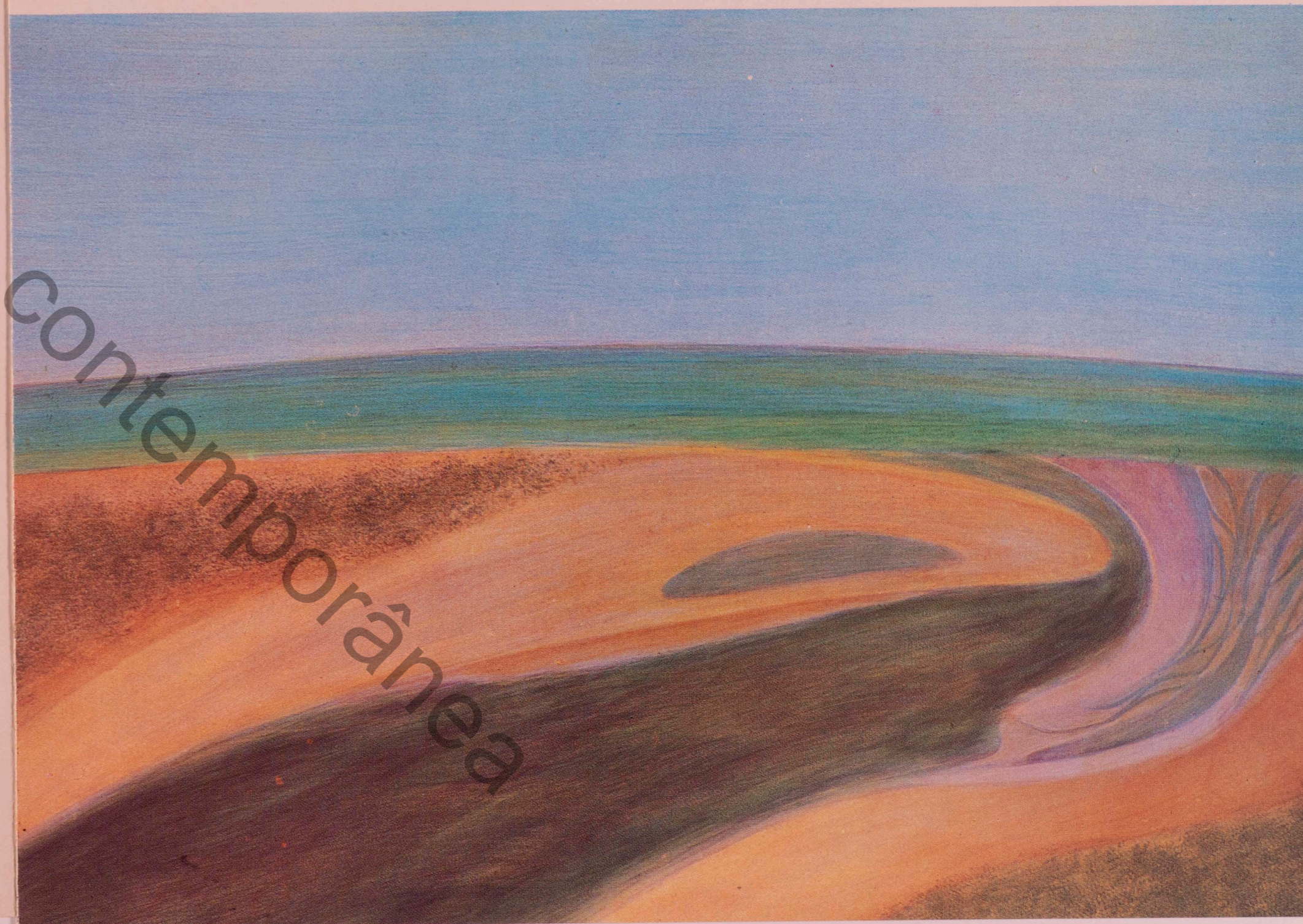
Nas marinhas de Olinda, abertas sobre horizontes livres e convidativos, a visão ao longe — e para o longe — coexiste com a tradução próxima da experiência de elementos locais: areia, vegetação varrida pela brisa, água de rio e água de mar. Solange compõe ainda toda uma série de geologias eróticas — que às vezes serviriam de ilustrações para a poética analítica (ou a análise poética) de M. Bachelard. Nestas “geologias”, a visão penetrante em raio X toma o lugar do detalhe no binômio com o mapa; a polaridade passa a se estabelecer entre as entranhas e a superfície.

Em outros casos, a imagem restitui eventos primevos de origem da vida sobre a terra — ou do fogo como espírito.

Ao permitir-se grande liberdade para musicalizar na pintura o seu relacionamento com o ambiente e a sua interioridade, a artista jamais se afasta do real. Seu feito é, pois, especificamente artístico.

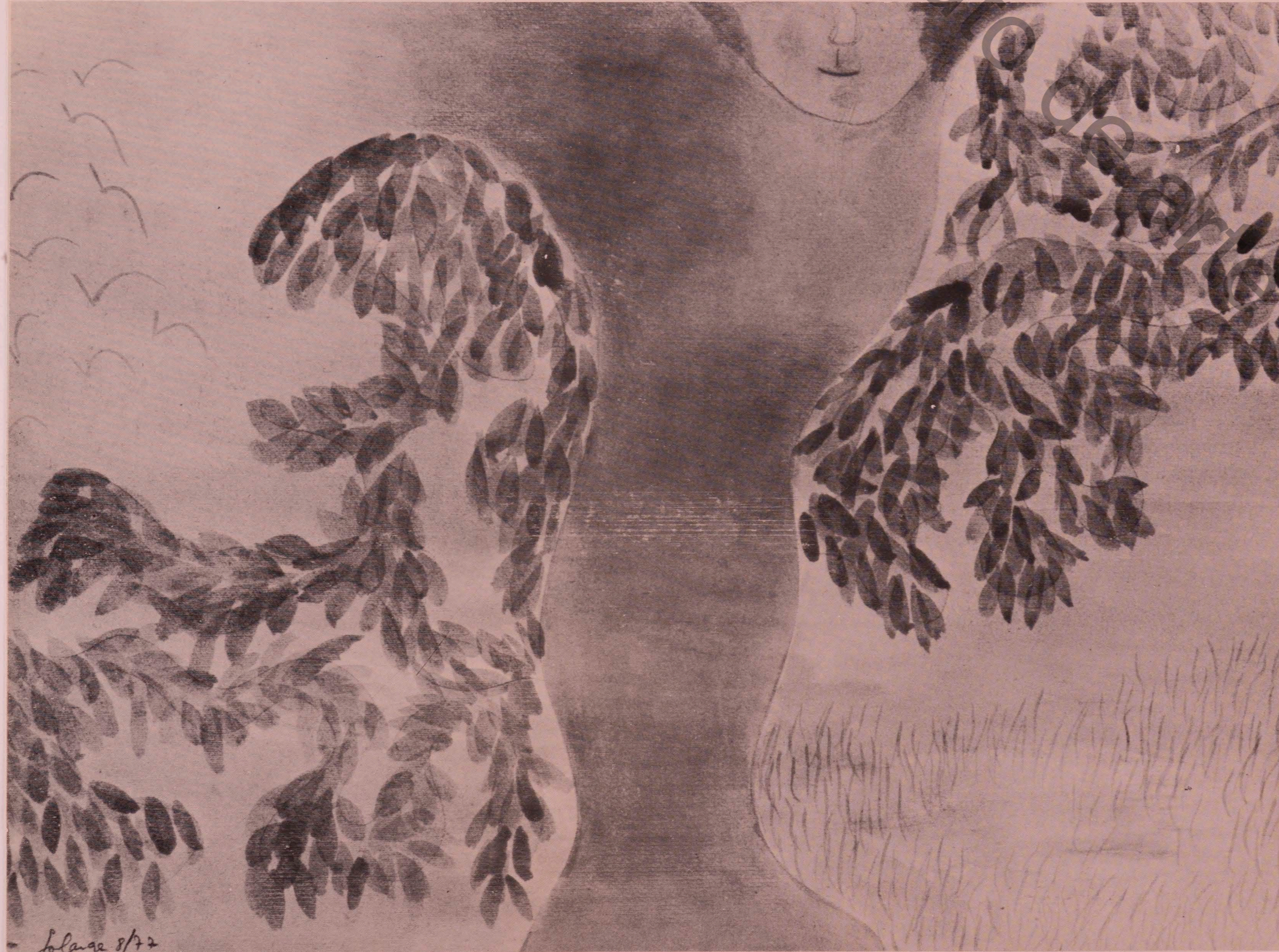
Alair O. Gomes  
Rio, março 78

ACRÍLICO S/EUCATEX — 75 x 122





ACRÍLICO S/PAPEL — 50 x 70



ACRÍLICO S/PAPEL — 56 x 76





ÓLEO S/TELA – 75 x 105



As coisas vivas estão envolvidas num diálogo aberto com o universo, uma troca livre de informação e de influência que une tudo que é vida num vasto organismo por sua vez parte de uma estrutura dinâmica ainda maior. Não se pode escapar à conclusão de que esta semelhança básica na função e na estrutura são laços que unem tudo que é vida e que o ser humano, por suas características, é uma parte integral deste todo.

Lyall Watson

instituto de arte  
contemporânea



## CURRICULUM VITAE

Solange Magalhães  
Nascida em 29/12/1939 — França  
Veio para o Brasil em 1952  
Estudou física de 1960 a 1963  
Começou a pintar em 1963

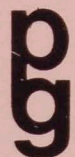
### Exposições Individuais

Galeria Goeldi (Rio) 1968  
Galeria Atrium (São Paulo) 1969  
Museu de Arte Contemporânea  
(Pernambuco) 1971  
Galeria Janelas Verdes (João Pessoa) 1972  
Galeria Múltipla (Brasília) 1973  
Grupo B Galeria de Arte (Rio) 1974  
Galeria Guignard (Belo Horizonte) 1975  
Galeria Nêga Fulô (Recife) 1976  
Fundação Cultural do Dist. Federal  
(Brasília) 1977  
Galeria Arte Global (São Paulo) 1978

### Exposições Coletivas

Salão de Verão (Rio) 1972  
Salão do Sesquicentenário (Rio) 1972  
Pré-Bienal (São Paulo) 1972  
XXI Salão Nacional de Arte Moderna (Rio) 1972  
(Isenção de Juri — Prêmio especial do júri)  
Galeria Múltipla (Brasília) 1972  
XXII Salão Nacional de Arte Moderna  
(Rio) 1973  
XXX Salão Paranaense (Curitiba) 1973  
XIV Salão Fluminense de Belas Artes (Niterói) 1973  
XXIII Salão Nacional de Arte Moderna  
(Rio) 1974  
XXIV Salão Nacional de Arte Moderna  
(Rio) 1975  
VII Salão Nacional de Arte  
Prefeitura de Belo Horizonte — 1975  
XXV Salão Nacional de Arte Moderna  
(Rio) 1976  
XXXIV Salão Paranaense (Curitiba) 1977

## Petite Galerie



Rua Barão da Torre, 220  
Tels.: 267-0921 e 287-0231  
Rio de Janeiro